

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Paulo Henriques Chixaro

Faculdade de Tecnologia de Ourinhos

Ourinhos/SP

2021

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História Oral de Vida

Entrevistadora: Rosemeiry de Castro Prado

Instituição: Fatec Ourinhos

Levantamento de dados preliminares da entrevista:

Nosso primeiro entrevistado foi o professor Paulo Henriques Chixaro. Trabalhando atualmente na Fatec Ourinhos, o professor Chixaro não poderia ficar de fora do quadro dos nossos entrevistados por ter atuado por vários anos nas Faculdades de Tecnologia do estado de São Paulo fazendo, conseqüentemente, parte da história da Educação Matemática dessas instituições. Logo, conhecendo essa sua trajetória profissional e dada a facilidade de contato que tínhamos com ele, a entrevista foi marcada na própria Fatec Ourinhos, numa tarde, em na sala de reuniões. A entrevista fluiu naturalmente e, já sabendo do nosso propósito, o professor nos contou sua experiência nas Faculdades de Tecnologia. Essa entrevista foi realizada para a tese de doutoramento “AS FACULDADES DE TECNOLOGIA DO ESTADO DE SÃO PAULO: um histórico da instituição e aspectos relativos ao ensino de Matemática nela praticado” na Unesp/Campus Bauru, em 2018¹.

Elaboração do roteiro da pesquisa elaborado pela entrevistadora e pesquisadora:

Rosemeiry de Castro Prado

Local da entrevista: Fatec Ourinhos - Av. Vitalina Marcusso, 1400 - Campus Universitário, Ourinhos - SP

Data: 16 de março de 2016

Técnico de gravação: Rosemeiry de Castro Prado

Duração: 57 minutos e 13 segundos

¹ Consultar: http://www.memorias.cpsctec.com.br/publicacoes/dissertacao/prado_rc_dr_bauru.pdf

Número de vídeos: 01 (um)

Transcritora: Rossemeiry de Castro Prado

Número de páginas: 21

Sinopse da entrevista

Essa entrevista foi cedida pela entrevistadora para compor um volume dentro do projeto “História Oral na Educação: memórias do trabalho docente”, proposto para o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPHMHEP), da Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza. Realizou-se a entrevista com o professor Paulo Henriques Chixaro que, mediante a sua análise, possibilitou elementos que outras fontes não suscitaram, como a relação estabelecida dentro das faculdades do Centro Paula Souza, motivo de orgulho e um diferencial quando comparada às demais instituições particulares. Também há, em suas narrativas, a menção ao seu contato com a Fatec São Paulo, na década de 1980, prestando concurso por tempo indeterminado para a área de informática e migrando, posteriormente, para a docência de Matemática. O professor Chixaro relembra a sua chegada na Fatec Ourinhos como diretor, na década de 1990, traçando um paralelo com o ensino da Matemática na faculdade.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 10 de maio de 2016

Nome da transcritora: Rosemeiry de Castro Prado

Rosemeiry de Castro Prado (RCP): Bom dia professor.

Paulo Henriques Chixaro (PHC): Bom dia.

RCP: Hoje é 16 de março de 2016 né. A gente vai começar a nossa entrevista, e a finalidade dela é coletar dados para a tese de doutorado que a gente está desenvolvendo no programa de pós-graduação em educação matemática na Unesp campus de Bauru. Então o objetivo dessa pesquisa é mapear a Constituição e a formação dos professores de matemática que atuam nas faculdades de Tecnologia do Estado de São Paulo. E a gente assumi como base metodológica a história oral, ressaltando aos entrevistados que as entrevistas almejam nos aproximar de experiências e memórias sobre como foram, e estão sendo formados esses professores, e aquilo que permeia também a constituição da faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo. Nós vamos gravar, nós vamos transcrever, depois nós vamos

textualizar, e depois nós vamos pedir aprovação, feito isso a gente vai pedir uma carta de cessão de direitos dos documentos produzidos. O entrevistado terá plena Liberdade para restringir a utilização ou a divulgação do material resultante da entrevista. Tudo bem? Então nós gostaríamos de saber um pouquinho a respeito da sua vida pessoal.

PHC: Pois não, o que é que você gostaria de saber?

RCP: A cidade onde nasceu, a data de nascimento...

PHC: Eu nasci, é... Eu nasci em Manaus né, Amazonas, em 29 de janeiro de 1951. De lá eu vim para São Paulo com 8 anos de idade, porque eu tenho um irmão que é 8 anos mais velho e em Manaus, na época, você não tinha nenhum curso de graduação. O máximo que você tinha era um curso de Direito, então as famílias migravam muito né por conta dos filhos e tal. Então nós viemos pra cá pra São Paulo e depois nunca mais voltei. Fiquei em São Paulo durante 27 anos e morei em Bauru durante 4 anos e em Ourinhos eu já estou a 20, 25 anos em Ourinhos né? Esse tempo, a minha formação né... eu prestei vestibular na época, isso em 69... sessenta e... é, 69 eu prestei vestibular para Engenharia Eletrônica e para Matemática. A princípio eu cursava as duas faculdades e ainda trabalhava para sustentar né as obrigações, os pagamentos. E aí é claro que eu não aguentei né. Eu tive que abandonar uma das faculdades, aí eu optei por Matemática e abandonei a engenharia que realmente não era... eu tinha uma outra ideia de engenharia, e não a ideia da engenharia teórica. Pra mim a engenharia era bem mais prática do que é. E aí eu fiquei com a matemática e comecei muito cedo a dar aula em cursinho. Na época tinha... tava começando essa febre de cursinhos, então tinha alguns cursinhos iniciando né, não existia ainda o Objetivo tinha em São Paulo tinha o Anglo, que era o mais tradicional e tinha o Diágoras, Diágoras Cultural, que ficava na Praça da Liberdade, um prédio lá de 8 andares, e pra época né eles tinham mais de mil, mil e quinhentos alunos. Quer dizer, então já era um curso pesado. E eu comecei a dar aula nesse cursinho com 20 anos de idade. E dali nunca mais parei, eu dei aula em cursinho até 86, quer dizer durante uns 16 anos eu dei aula em cursinho. Mas eu sempre, em paralelo, eu tinha sempre outras atividades, e a minha atividade paralela era trabalhar com Informática. E a medida em que a informática foi se concretizando na minha vida, foi se tornando mais prioritária, mais importante, teve uma época que eu tive que abandonar o cursinho, porque eu não dava mais conta. Trabalhava 8,10 horas por dia com informática, eu cheguei a ser gerente de um centro de processamento de dados com 38 funcionários. E então aí o cursinho eu dava aula assim de fim de semana, sábado, mas mesmo assim me cansava muito, aí eu abandonei.

RCP: Professor, o senhor falou da... das duas instituições pela qual o senhor passou, pelos dois cursos né. Esses dois cursos, o de engenharia, ocorreu na USP?

PHC: Não, não. A engenharia eu fazia na FEI.

RCP: Na FEI...

PHC: Que na época era... bom, ainda é da PUC né? Ela tava começando em São Bernardo.

RCP: Sim, sim...

PHC: Na realidade ela ainda não... não tava, não tinha se mudado totalmente para São Bernardo, mas de qualquer forma eu como calouro em 69, eu já ia até São Bernardo. Isso era um desgaste porque era uma viagem de ônibus grande e tal.

RCP: Sim...

PHC: E a Matemática eu fazia na faculdade Oswaldo Cruz né.

RCP: Ah sim...

PHC: É. E aliás foi interessante porque, quando eu terminei a matemática, o diretor na época que era o professor Damato né, ele me convidou para ser auxiliar de docência na faculdade, então a minha carreira na faculdade começou ali.

RCP: Sim.

PHC: E aí eu comecei a dar aula na Faculdade, junto com o cursinho, e junto com informática.

RCP: Isso com 20 anos de idade?

PHC: Isso... não, não, aí eu já tinha me formado.

RCP: Sim.

PHC: Quer dizer então eu já tava com 23 anos de idade... não, menos, 22.

RCP: E quando o senhor tinha 20 anos que começou a atuar no cursinho?

PHC: No cursinho com 20 anos, eu tava no... passei para o segundo ano da faculdade de matemática, e aí eu prestei um... tinha um concurso né, tinha uma vaga para professor lá no Diágoras, e aí tinha lá uns 20 candidatos, a gente teve que dar uma aula, sorteava um ponto lá e dava uma aula. Eu até me lembro até hoje que o meu ponto sorteado foi matrizes, determinantes e sistemas lineares né. E aí eu dei uma aula sobre isso, e aí a banca fez uma série de questionamentos e tal, aí no fim eu fui o aprovado.

RCP: Quer dizer então que a faculdade era de duração de 4 anos.

PHC: Quatro anos.

RCP: E no segundo ano o senhor já começou a atuar...

PHC: Já comecei a atuar.

RCP: ...como professor de cursinho.

PHC: Eu sempre gostei muito de matemática né. No meu tempo de ensino fundamental, de ensino médio né, eu sempre era o aluno dá classe que ajudava os colegas, que tava... eu dava muita aula particular né, assim com esse intuito de... eu gostava e ainda ganhava um dinheirinho por fora né. O pessoal que estava em segunda época, naquela época tinha exame de segunda época, então eu sempre... matemática sempre foi realmente a minha paixão.

RCP: Tá. Então pelo que eu entendi, com a chegada da atividade da parte de informática, o trabalho em relação ao professor diminuiu um pouquinho, mas nunca deixou de existir né. Sempre atuando como professor...

PHC: Sempre, é.

RCP: ...de matemática

PHC: Eu sempre atuei e nunca parei de atuar. Eu abandonei o cursinho numa época onde eu tinha mais responsabilidades e tal, mas o abandonar era assim, eu tinha uma aula por exemplo de fim de semana, ou então eu dava um cursinho de férias, ou então... eu nunca parei de dar aula né. Aí quando eu abandonei a informática, quer dizer, eu também me cansei porque era muito desgastante, muita responsabilidade, aí eu resolvi prestar um concurso na Fatec né, para ficar um pouco mais definitivo na Fatec. E aí eu fui aprovado nesse concurso. Isso foi em 86.

RCP: E esse ano caracteriza a chegada do senhor na Fatec, ou anterior a isso já trabalhava como não concursado?

PHC: Não, não, foi a minha chegada por que... aliás foi até gozado, porque quem me convidou, quem me disse do concurso, foram três professores que eram meus colegas no Diágoras Cultural...

RCP: No cursinho.

PHC: Nós tínhamos dado aula juntos em 1970, 71, e 72. E esses três professores eles foram fundadores da Fatec São Paulo. Eles estiveram na Fatec de São Paulo desde o início.

RCP: Desde 69?

PHC: É, desde o início. E aí em 86, que foi quando eu resolvi fazer alguma coisa, mas para a carreira de Matemática, eles é que me convidaram. Eles já estavam bem consolidados na Fatec, era o grupo de professores da Fatec São Paulo, aliás brilhantes professores, excelentes. Era o Walter Paulette, Santo Scuderi, e Ayrton Barboni. Eram os três que eram meus colegas do Diágoras lá, e dois deles fizeram parte da minha banca. Quer dizer eles já tinham feito parte da minha banca quando eu entrei no diágoras.

RCP: Sim.

PHC: Que eu... eram eles também que eram professores lá e fizeram parte da banca, e fizeram de novo quando eu entrei na Fatec em 86.

RCP: E quanto ao concurso que o senhor prestou? O senhor se lembra das questões? De como esse concurso foi conduzido? Do grau de exigência?

PHC: Então, esse concurso que eu prestei, na realidade ele foi para a área de Informática né? Não foi para a matemática. E foi para a área de informática por quê? Porque a demanda por informática era muito grande na época e não tinham... tinham poucos profissionais no mercado, então...

RCP: Então não havia a necessidade de ser formado em informática, ter um diploma em informática?

PHC: Não, não havia. A minha experiência né, eu já tinha sido até gerente de um centro de processamento de dados e isso me contou muito ponto, uma pontuação muito alta, pelo fato de eu trabalhar na área já por mais de 15 anos né? Então essa experiência foi fundamental. E eu tinha o diploma de graduação em matemática que era considerado disciplina afim. Então eu prestei o concurso e me lembro bem que foi um concurso para dar aula de “Entrada de Dados”, e que na época entrada de dados era feito por cartão perfurado e tal, então eu ensinava os alunos quais eram as possibilidades de entrar com dados dentro do computador, então algumas fitas magnéticas, cartões perfurados e tal. E como essa disciplina ela veio a se extinguir, quer dizer, depois de um certo tempo não tinha mais essa disciplina eu fui migrando, e numa das migrações que eu fiz eu fui para matemática.

RCP: Sim.

PHC: Isso já foi na Fatec São Paulo. Então quando eu vim para Ourinhos, eu já vim já dando aula de informática e matemática, eu dava as duas disciplinas.

RCP: E quando o senhor fala Fatec São Paulo, naquele momento em 1986 nós tínhamos 8 Fatecs?

PHC: Oito Fatecs. Ourinhos foi a nona Fatec a ser criada no Centro Paula Souza.

RCP: Sim. Em São Paulo tinha uma Fatec?

PHC: Só. São Paulo tinha uma Fatec, Sorocaba tinha outra, Americana, Santos, Jaú, que mais, tinha... Jaú opa... Sorocaba, ah Sorocaba eu já falei, puxa... Santos, Taquaritinga né... É, era isso Santos, Taquaritinga, Americana, Americana que era Fatec Têxtil.

RCP: Sendo que dessas, a primeira não foi a São Paulo né?

PHC: Não, foi Sorocaba. Onde começaram as Fatecs foi em Sorocaba né, até por conta de que eles tinham uma perspectiva em Sorocaba de um parque industrial Grande muito grande, então a ideia da Fatec era suprir essa mão de obra né... técnica e tecnológica para o parque industrial. Tanto é que os cursos quando começaram na Fatec, eram cursos de 2 anos, eram quadrimestrais. Você tinha aula 3 meses aí parava, férias de 15 dias, passava para o segundo ciclo que era de 3 meses, terceiro ciclo 3 meses, então em dois anos né, você tinha seis ciclos de três meses.

RCP: E como que o aluno tinha o seu diploma? Como que isso era validado como...

PHC: Era um diploma de tecnólogo, sempre foi.

RCP: Sempre foi...

PHC: Inclusive na FEI, eu falei na FEI, a FEI foi o primeiro curso de tecnólogo que teve no estado de São Paulo...

RCP: Estado de São Paulo.

PHC: ...que chamava Engenharia Operacional. Eles davam o nome de engenheiro operacional. Mas era um engenheiro que teve muita dificuldade para ser reconhecido pelo CREA. Porque o CREA não queria... não queria assumir um engenheiro operacional porque era um curso de 3 anos né?

RCP: Ah sim...

PHC: E o engenheiro operacional era o nosso tecnólogo, quer dizer, a FEI achou melhor acabar. Eles transformaram toda a engenharia operacional deles em engenharia normal e...

RCP: Então será que esse modelo foi migrado da FEI? O modelo de 2 anos da Fatec?

PHC: Não, não, não, na realidade o modelo da Fatec ele vem das Für Hochschule da Alemanha. Porque o Paula Souza, ele era um professor na Für Hochschule alemã, era brasileiro e ele fez o... se não me engano o mestrado dele ou doutorado na Alemanha, e ele gostou muito desse modelo que já existia nas faculdades de tecnologia da Alemanha. E essas faculdades de tecnologias já tinham cursos específicos para mecânica, elétrica, e tudo de 3 anos, e era para formar um técnico avançado, um tecnólogo né. Então esse foi o modelo que foi copiado por Paula Souza. Agora foi feito em dois anos por quê? Porque na época se pensava em velocidade, em você ter uma mão de obra para o mercado, rápida né? Só que não podia abrir mão da qualidade. Então eles optaram por cursos trimestrais, quer dizer, então você veja, um trimestre, 15 dias de férias, outro trimestre, 15 dias de férias, outro trimestre e não parava, o aluno ia direto né, era extremamente pesado o curso. Eu diria que nesses 2 anos você via até mais do que você vê hoje em 3.

RCP: E a matemática, como que ela se dava nessa grade?

PHC: Então, a matemática inicialmente era extremamente pesada, até porque esse grupo que eu falei né, que era o Santo, Osvaldo... Santo, Walter Paulette, e o Ayrton, eles eram extremamente dedicados... É... a Fatec São Paulo quando ela começou já existia uma biblioteca só para os matemáticos. Tinha uma biblioteca geral e esse grupo de matemática tinha uma biblioteca própria, só para poder ter acesso a tudo o que tinha de mais atual, tudo o que tinha de mais moderno. Até quando eu entrei para dar aula eu fiquei impressionado com a biblioteca de matemática que existia dentro da Fatec São Paulo. Isso depois foi extinto né, o curso foi perdendo esse rigor que tinha de matemática, e foi se reduzindo até porque por conta da vida de alunos com muitos problemas, veja que na época não era, na época os alunos vinham bem-preparados, eram alunos que tinham feito um bom ensino, um ensino médio público que era o melhor né.

RCP: Já existia o vestibular para esses alunos né?

PHC: Sim, já existia.

RCP: Era concorrido?

PHC: Bastante concorrido. A Fatec São Paulo ela sempre nessa... na década de 70, 80, ela sempre teve assim, era 40, 50 candidatas por vaga.

RCP: Nossa!

PHC: Era uma concorrência muito... até hoje o curso noturno da Fatec São Paulo, ele sempre tá dando 20, 25 candidatos por vaga.

RCP: E esses alunos então eles conseguiram acompanhar a grade destinada à Matemática?

PHC: Com certeza! Olha, no primeiro ano né de matemática se via limite, derivada, cálculo integral, e se chegava a equações diferenciais. Quer dizer, coisa que hoje nem pensar. Quer dizer hoje, olha, hoje eu diria que o curso de matemática foi reduzido a uns 10% do que já foi o curso de matemática dentro das Fatecs.

RCP: E quando o Senhor chegou em 1985...

PHC: Oitenta e seis.

RCP: Oitenta e seis, como foi o seu regime de contratação?

PHC: Foi por tempo indeterminado o concurso. Na época era um concurso público como é hoje né?

RCP: Sim...

PHC: E você era contratado por tempo indeterminado. É o contrato que eu tenho até hoje.

RCP: Indeterminado.

PHC: Indeterminado.

RCP: Indeterminado. E aí eram fases para esse concurso?

PHC: Olha era muito parecido com o de hoje.

RCP: De hoje...

PHC: Quer dizer você tinha uma fase de análise de documentação, e essa análise gerava uma pontuação. Houve algumas mudanças dos critérios de pontuação, o que pontua, o que não pontua e tal, mas era muito parecido. E depois você tinha uma aula você tinha que dar para uma banca, e essa aula a banca tinha liberdade de questionar, perguntar o que quisesse e tal, e você tinha que responder né. Depois terminava e o resultado era dado ali na hora.

RCP: Então em relação a matemática o senhor lecionou cálculo...?

PHC: Ah eu dei muita coisa aí. Olha eu dei... eu dei cálculo, eu dei matemática discreta, eu tinha uma disciplina chamada introdução à lógica, que era dada pela matemática também eu dei, tinha PO - pesquisa operacional também eu dei, inclusive eu dei uns 3 ou 4 anos quando eu fui para Carapicuíba também eu dei pesquisa operacional, é... que mais... e depois começaram a ter algumas variações né, de matemática básica e matemática... ou de matemática discreta, e aí eu fiquei nessa área. Hoje eu estou com matemática discreta.

RCP: O senhor comentou a respeito da sua chegada à Fatec Carapicuíba. Eu queria que o senhor falasse um pouquinho sobre a sua trajetória desde 86 até agora nas Fatecs.

PHC: Então... É em 86 eu comecei na Fatec São Paulo né, como professor, e aí depois em 88 eu vi lá num corredor que tinha uma possibilidade de uma bolsa para passar um ano na Alemanha, numa Für Hochschule alemã. Um convênio que o Centro Paula Souza tinha feito com o governo alemão através do DAD né. E eu me interessei. E aí quando eu fui lá ver como é que era inscrição e tal, eu fiquei mais interessado ainda porque não tinha candidato. Quer dizer, como era obrigado a estudar alemão, então ninguém queria. O pessoal queria os convênios que fosse em inglês ou francês e italiano, mas alemão ninguém queria. E no fim, quando fecharam as inscrições, na realidade tinham 4 candidatos para 3 vagas né. Então nós fomos em três né. Eu fui um dos Escolhidos né, fizemos um curso de alemão em São Paulo, dentro do Centro Paula Souza mesmo, o Centro Paula Souza bancou um curso para nós durante quase um ano, e aí chegando na Alemanha nós fizemos mais um curso lá de imersão de quase 2 meses. E aí nós fomos para as Für Hochschule. Eu fui para a Für Hochschule de Colônia, que na realidade não era na cidade de Colônia, era em Gummersbach, era uma cidade assim a uns 40 e poucos, 50 quilômetros de colônia, e os meus colegas foram para Berlim Foram para as Für Hochschule de Berlim. E foi isso. E nós ficamos lá um ano. E quando eu voltei de lá né, o superintendente da época, o professor Oduvaldo né, ele falou que tinha... estava criando o campus de Ourinhos né. Então tava criando o campus de Ourinhos e ninguém estava querendo vim para cá como diretor, porque era uma cidade a 400 km de São Paulo né, a Fatec mais próxima que tinha de Ourinhos era Jaú, que estava iniciando, que era uma Fatec recém-criada, e o pessoal achava muito distante, muito... aliás teve até muita pressão para que não abrisse Ourinhos, porque né... era uma loucura, era melhor fazer uma segunda Fatec em São Paulo. Então tinha uma pressãozinha, a pressão era tão grande que eles não conseguiram aprovação da Fatec Ourinhos como Fatec. Na realidade quando ela começou, ela começou como sendo uma extensão de campus da Fatec São Paulo né, porque aí foi fácil de aprovar. A aprovação foi feita a nível de congregação na própria Fatec São Paulo, então se aprovou uma extensão de campus. Então ninguém queria vim pra cá como coordenador da extensão de campus, que também tinha... não era um diretor, era um coordenador de extensão de campus. Então você mudar com família, mudar com todo mundo para uma aventura né, de ser um coordenador de extensão de campus, numa cidade que na época tinha 40, 50 mil habitantes, e ninguém via grandes possibilidades né. Quer dizer, eu estou dizendo isso dos meus colegas né, e eu tinha acabado de voltar da Alemanha e estava com aquela vontade de querer pôr em prática uma série de coisas que eu tinha visto lá né. Aí eu me candidatei, quer dizer, foi oferecido antes de mim para umas 3 ou 4 pessoas, professores mais antigos e tal e ninguém quis. E aí eu me candidatei, o professor Oduvaldo marcou um dia, eu vim com ele para cá, ele me apresentou para o prefeito e começou. Isso foi em 91.

RCP: Noventa e um.

PHC: É 91, eu mudei para cá em 91, em agosto por aí, e fiquei eu e minha esposa e meu filho, eu já tinha um filho com 8 anos de idade né 84 pra... 7 anos. E ficamos num hotel, morando no hotel né, porque ainda não tinha muita ter certeza, que nós íamos ficar e tal, então, inicialmente nós fomos para um hotel, e ficamos no hotel aquele semestre inteiro. Aí quando terminou o ano, o prédio aqui já estava bem avançado, já tinha 70% construído, e aí deu para ver que ia acontecer mesmo, nós íamos ficar aí nós alugamos uma casa, em 92 eu mudei pra essa casa alugada e nos estabelecemos.

RCP: E as aulas da Fatec Ourinhos começaram no ano...?

PHC: Elas começaram em 92. Não começaram aqui na Fatec porque o prédio não ficou pronto, então nós tivemos que começar as aulas, porque o vestibular já tinha sido feito, eu me lembro que foram 880 candidatas para 40 vagas né, então você vê (risos) a quantidade...

RCP: Muito...

PHC: É, extremamente, concorrido, né. Mas o curso começou, aliás desculpa, para 80 vagas, tinha 40 vagas de manhã e 40 vagas à noite, e eram 10 para 1, 10 candidatas por vaga. Então nós tivemos que começar a Fatec lá na cidade, numa escola pública né, uma escola que era da prefeitura, eles cederam algumas salas para nós. Mas como os alunos já tinham informática desde o primeiro ano né, desde a entrada, então nós tivemos que montar um laboratório lá. Me lembro que foi difícil porque esse laboratório nós tivemos que construir os computadores. Aí foi bom a minha vocação para eletrônica, porque eu e o... eu me lembro bem aí do Professor Ismael, a gente montava computadores. Então a gente ia lá em São Paulo na Santa Efigênia, comprava placas de computadores, que na maioria das vezes eram placas não nacionais né, porque era proibido importar computadores né, então a gente comprava os chips, a gente montava as placas, montava o computador né. Porque só tinha computador nacional e não atendia, eram computadores muito ruins que tinha, porque tinha uma restrição de mercado né para não poder comprar, aliás quem acabou com essa restrição foi o Collor. Alguma coisa ele fez né... (risos) ...bem feita, ele acabou com essa restrição e permitiu que o Brasil começasse a ter outros fabricantes de computadores, e aí o Brasil deu um salto realmente, isso foi muito importante. E aí nós começamos o curso aqui em março, meados de abril, nós mudamos para esse prédio que já é hoje, esse prédio aqui do lado que foi o primeiro, e daí pra frente eu fiquei como coordenador do curso até 1980... não e 97 que foi...

RCP: Coordenador e diretor?

PHC: Não, não diretor, eu era coordenador da extensão de campus da Fatec São Paulo.

RCP: A direção era então São Paulo?

PHC: A direção era São Paulo.

RCP: Tá.

PHC: E eu fiquei com essa coordenação até 97. Em 97 é que houve um decreto do governador, na época o Mário Covas, e esse decreto ele transformava a extensão de campus numa Fatec individual, numa Fatec nova né. Então em 97 é que nós conseguimos a nossa emancipação da Fatec São Paulo, e foi aí que eu me tornei diretor da Fatec. Foi só em 97. Até 97 eu fui coordenador de campus. E aí eu fiquei por dois mandatos, e aí eu fui para... em seguida para Carapicuíba.

RCP: Como diretor?

PHC: Como diretor também porque Carapicuíba não tinha Fatec, e eu fui para lá e implantar a Fatec Carapicuíba. Então eu também... assim como eu fiz aqui eu também implantei a Fatec Carapicuíba né, eu fui vamos dizer o criador da Fatec Carapicuíba.

RCP: Lá o senhor permaneceu por quanto tempo?

PHC: Três anos e meio, 3 anos e... quase 4 anos.

RCP: Aí retorna para Ourinhos?

PHC: Aí eu retornei para Ourinhos como professor.

RCP: Como professor...

PHC: Isso, como professor. E aí na época, logo no ano seguinte, eu fui convidado pelo prefeito para assumir a Secretaria de Educação de Ourinhos, e então eu me afastei das aulas né. E aí eu passei três anos na Secretaria de Educação, aí retornei depois desses três anos, e estou até hoje como professor.

PHC: E desde a implantação da Fatec ela era vinculada à Unesp?

PHC: Sempre foi. Na realidade a Unesp foi criada depois da Fatec. Então a Fatec Sorocaba e a Fatec São Paulo já existiam antes da Unesp ser criada. Então quando a Unesp foi criada, se não me engano foi em 76, se não me falha a memória, em 76, pra criar a Unesp, tinham duas escolas meio perdidas por aí, que eram as duas Fatecs, a Fatec São Paulo e Sorocaba. Então já que nós estamos criando uma universidade estadual né, e essa Universidade a proposta era expandir em todo o estado né, como foi feito, quer dizer, hoje a Unesp tem em praticamente em todo o estado de São Paulo. Então por que deixar essas duas faculdades perdidas aí no meio? Então vamos vinculá-las à Unesp. Então essa autarquia né, que era o Centro Paula Souza, ficou uma autarquia vinculada a Unesp quando a Unesp foi criada. Então essa ligação, esse vínculo, ele persiste até hoje, quer dizer, até hoje não foi... Eu particularmente acho um absurdo, porque o hoje as Fatecs até certo ponto já até concorrem com o orçamento da Unesp, quer dizer, o orçamento do Centro Paula Souza ele não é junto com o orçamento das Universidades né, mas o valor do orçamento já chega próximo do orçamento da Unesp. Então eu não vejo mais sentido em você ter essa vinculação, mas até hoje existe e ninguém quis mexer nisso.

RCP: Então a gente poderia dizer assim é... que ao invés... a gente sempre pensou que a Fatec era filha da Unesp né, e na verdade é o contrário.

PHC: Não. A Unesp é que foi filha da Fatec.

RCP: A Unesp é que é filha da Fatec.

PHC: É, foi criada depois, foi criada bem depois.

RCP: E aí ao longo dos anos houve a necessidade da especialização dos professores né, hoje em dia para se entrar numa Fatec faz um concurso... tem o mestrado aí... um mínimo de exigência que seria um mestrado...

PHC: Aí depende da área né? Se for uma função, uma disciplina técnica né, ainda é aceitável com uma boa experiência na área, sem precisar ser mestre.

RCP: Sem a necessidade de ser mestre.

PHC: Então isso vale para as disciplinas chamadas técnicas/tecnológicas né. Então, por exemplo, uma disciplina de informática, uma disciplina... porque é muito difícil você nessa área, você ter professoras, professores com essa qualificação.

RCP: Mas para nós da área de matemática sim...

PHC: Ah sim, matemática passou a ser exigido né. No mínimo mestrado.

RCP: E o senhor fez o mestrado?

PHC: Eu acabei fazendo até por conta disso, porque teve uma época né, quando foi implantado isso o que corria né, à boca pequena era que os professores não titulados seriam extintos. Quer dizer eles ficariam numa carreira em extinção, e dentro dessa carreira não haveria mais nenhum tipo de aumento, nenhum... então eles ficariam até pedir para sair né. Então com essa possibilidade, isso aconteceu em 99 né, quando se colocou que seria assim, que haveria esse problema, então eu achei melhor correr atrás do prejuízo e fazer um mestrado, coisa que eu nunca tinha me interessado né. E acabei fazendo e terminei o meu mestrado em 2003.

RCP: E qual foi a instituição?

PHC: Aí eu fiz na USP, até por conta do que? O Centro Paula Souza fez um convênio com a USP de fazer um mestrado voltado para os professores, um grupo de professores do Centro Paula Souza. Então foram vinte e poucos professores, acho que 24 professores de várias Fatecs, quer dizer, tinha professores de Americana, de Sorocaba, de São Paulo, de Ourinhos, e esses professores tiveram um curso sendo desenvolvido na Fatec Jaú, que era, vamos dizer entendido, que a Fatec que ficaria mais próxima para todo mundo e tal, para não ter que deslocar muita gente até São Paulo e tal.

RCP: E qual foi o tema estudado no seu mestrado?

PHC: Então, o meu tema foi curvas B-Spline né, para confecção de cascos de navio. Na realidade a ideia foi... eu desenvolvi um software né, que permitia ao projetista, vamos dizer, brincar com o casco do navio através de curvas B-Spline, e nessa brincadeira, nessa tentativa de fazer um acerto no casco, o software iria calculando todos os coeficientes importantes para a boa navegação. Então tem coeficientes assim, coeficiente prismático, coeficiente de calado, então são várias coisas que a engenharia naval define como sendo boas, e o software fazia assim, a cada movimento que você fazia com o mouse e modificada um pouco a curva, ele mostrava pra você o que que implicava isso nos coeficientes todos do que a engenharia naval definia como coeficientes bons e tal. Então era um software voltado para o engenheiro projetista, para projetar um casco de navio utilizando as curvas né... B-Spline.

RCP: Agora eu queria que o senhor falasse um pouquinho do momento histórico que conduziu à abertura das Fatecs. O senhor se recorda?

PHC: Veja... eu não... é, eu não vivi...

RCP: Politicamente, alguma coisa, algum fato importante

PHC: Não, eu não vivi esse momento porque isso aconteceu na década de 60 né. Então na década de 60, nessa época, eu era um adolescente, estava com 15, 16 anos de idade. Então eu só vim a conhecer efetivamente, a saber da existência das Fatecs né, eu na realidade eu vim a saber em 75, 76 quando já existia a Fatec São Paulo e Sorocaba, e por que que eu vim a saber que elas existiam? Por causa dos meus amigos que davam aula lá, deram aula comigo no cursinho, e eles tinham sido pioneiros né, para entrar na Fatec. Então como eu visitava e tal eles “ah isso aqui, olha é uma faculdade legal, onde a gente está...”. Então foi assim que eu... então eu não vivi né, eu sei mais da história depois de ter participado, de ter lido um pouco sobre o Centro Paula Souza, e ter conhecido um pouco da história, até conversado com eles também e saber disso né. Eu acho que o projeto, sempre foi um projeto bastante ousado, quer dizer, a intenção era suprir realmente o mercado de trabalho de técnicos e tecnólogos. Quer dizer, de você ter né essa possibilidade de uma formação mais rápida e uma formação mais focada nas necessidades das empresas. O que que vocês precisam? Vocês precisam de um cara bom de solda, por exemplo. Então nós tínhamos um curso na Fatec de São Paulo de soldagem. Esse curso de Soldagem formava excelentes tecnólogos, um profissional que até hoje é reconhecido no mercado e tal né, então tinha um curso de Pontes e estradas, então era um curso para formar um cara para pontes e estradas né. Então a intenção era essa. Só que depois disso acabou desvirtuando um pouco né, a área da informática começou a dominar a maioria dos cursos né, quer dizer, hoje se você pegar todas as Fatecs tem, ou praticamente todas tem um curso de informática né, e acabou então se perdendo um pouco disso, do pra que que veio a Fatec. Quer dizer, essa formação mais rápida acabou sendo uma formação um pouco mais demorada né, passou para 3 anos, e nesses três anos a gente começou a ter, não mais um cara muito específico, mas mais generalista até porque o mercado mudou. O mercado não quer um cara muito bitolado, que só saiba fazer um determinado tipo de coisa, o cara tem que ser... vamos dizer assim... safo né, esperto, e ser capaz de dar conta de várias coisas ao mesmo tempo. Então... mas eu acho que ainda são cursos extremamente necessários, seria ótimo pra crescessem mais né. Eu acho que é um investimento bastante importante.

RCP: É, mas de qualquer maneira a gente tem que levar em conta a importância dessas instituições para o desenvolvimento local?

PHC: Ah não, não, veja eu não vejo como... eu não penso como desenvolvimento local, eu diria para o desenvolvimento do estado de São Paulo, porque veja, na Fatec Ourinhos os alunos que nós formamos a partir de 95, que foi quando te vi a primeira turma né que se formou na Fatec Ourinhos, eu diria que 80% dos alunos não ficaram em Ourinhos, nem tinha mercado para eles aqui. Então até a gente brincava porque quando eu ia para São Paulo, tinha um prédio na Pamplona esquina com Alameda Santos, que o prédio inteirinho era só de fatecandos, era um prédio assim de 12 andares, que só tinham repúblicas e eram alunos que se formaram em Ourinhos e que tinham ido para São Paulo para procurar emprego. E todos eles estavam empregados, né. Então eu vejo que a Fatec, ela tem uma importância hoje até internacional, quer dizer é claro que o internacional são poucos os casos, mas os nacionais são bastante, você tem muita gente trabalhando em outros estados né, e no Estado de São Paulo então você tem a vontade. Quer dizer, o aluno se forma em Ourinhos e vai trabalhar em Campinas, se forma em Sorocaba e vai trabalhar em Londrina, então eu acho que nós não somos, não temos que ter uma preocupação de formação local. Nós somos mais que isso. A gente forma um aluno que tá apto a um emprego em qualquer estado no Brasil né. Então nós temos que dar conta que o mercado brasileiro é muito grande, e ele não se

restringe, Ourinhos é um mercadinho pequenininho. Então se nós formos formar alunos para Ourinhos, então eu acho que a Fatec está super... devia cortar pela metade né? Então eu não sinto assim. Nós formamos alunos para as tecnologias do mercado nacional. É Brasil todo.

RCP: Mas e a questão da pesquisa na instituição. A pesquisa para os alunos da Fatec. Como o senhor percebe ou percebeu ao longo desse tempo?

PHC: Olha, a pesquisa... a pesquisa é uma grande confusão. Eu não vejo né que os professores, eles tenham espaço para pesquisa dentro do Centro Paula Souza. Quando se exige que o sujeito tenha um mestrado por exemplo, um doutorado, para você ser diretor de uma Fatec hoje existe uma exigência de ser doutor, apesar de que o Conselho Estadual de Educação não faz essa exigência, quer dizer, isso é uma exigência criada internamente pelo Centro Paula Souza. Então se exige que o professor seja doutor né, e você não dá um ambiente para ele, para ele desenvolver uma pesquisa, você não dá espaço, laboratório né, horas né, então que pesquisa é essa? Quer dizer, então eu particularmente acho que ou a gente começa a ter professores mais voltados pra essas tecnologias, e a pesquisa naturalmente ela vai acontecer e sem haver necessidade do academicismo né, porque eu acho que esse academicismo não condiz com os professores das Fatecs né, ou seja, a gente não pode imaginar um professor dentro da Fatec fazendo pesquisa como um professor da Unesp, da USP, da Unicamp. Não tem espaço para isso. Você vê que um professor, por exemplo da USP, ele tem obrigação de dar 8 horas de aula por semana e ele tem 32 horas para fazer pesquisa, entende? Agora 32 horas não é assim horas que você vai para casa e vai pesquisar. Não. Você precisa do quê? É um laboratório? Você vai pesquisar o quê? Qual é o teu grupo? Qual é... E nada disso nós temos aqui. Existiu algumas tentativas de regime de jornada integral RJI, mas sempre foi deturpado, sempre foi dá-se um jeito, feito de alguma forma... então eu não sei. Eu ainda tenho muitas dúvidas se nós estamos na direção certa com algumas exigências que existem, e que a gente acaba não tendo né o resultado dessa exigência né, e eu vejo assim a pesquisa dentro do Centro Paula Souza.

RCP: Sim. Então isso significa que esse... essa cultura de pesquisa não é transmitida para os nossos alunos também...

PHC: Não, não é. Veja, eu sinto assim alguns colegas muito... que dão muito de si para querer transmitir alguma coisa, para querer formar alguns grupos e tal. Mas é muito pontual e é uma coisa da pessoa, não é uma coisa institucional né. Então infelizmente é assim que eu sinto, quer dizer eu não sei, eu não sei se poderia ser de outra forma. Mas a gente teria que optar né, você quer fazer pesquisa? Custa caro, não é barato fazer pesquisa, entende. O Centro Paula Souza tem isso para investir? Se não tem não faz meu Deus do céu, ou então faz de um outro jeito, faz de uma outra forma. Vamos ser né... vamos esquecer um pouquinho academia, vamos deixar um pouquinho USP, Unesp, Unicamp de lado e vamos fazer do nosso jeito né?

RCP: Com certeza. Eu gostaria que o senhor falasse um pouquinho da sua relação com a matemática ao longo desses anos, as dificuldades encontradas para se lecionar matemática, a valorização, a relação dela com as outras matérias técnicas. Como que o senhor percebeu isso ao longo... a importância dela nos cursos de tecnologia...

PHC: Eu sempre fui de opinião que um aluno, uma criança, ela teria que ser preparada para duas coisas, a nossa língua, ela tem que dominar a nossa língua, e tem que ser preparada para a matemática, entende? O resto para mim é resto. E o resto vem no embalo, então se a criança tiver uma boa formação básica inicial pra Matemática e para a Língua Portuguesa, eu acho que ela vai tranquilamente depois dar conta de Geografia, de História, de Física, de Química, do que vier daí pra frente. Infelizmente eu vejo que não é isso que está acontecendo, quer dizer, a gente tem muita preocupação com um monte de coisa ao redor, e a gente descuida dessa formação básica e fundamental de matemática e de língua portuguesa. Então com isso nós estamos gerando uma Geração, que a meu ver, é uma geração com muitos problemas. Eu que dou aula para os primeiros anos né, e já faz algum tempo eu sinto que a cada ano que passa os alunos que chegam nos primeiros anos estão cada vez piores né, e o pior não é um pior... porque às vezes o pessoal subestima esse pior, ele tá ruim mesmo, é um aluno que mal sabe das quatro operações, ele tem uma dificuldade muito grande. Se você der para ele uma conta de dividir com três algarismos, ele não vai conseguir fazer essa conta.

RCP: Mas isso em 86, quando o senhor iniciou na Fatec e também começou a lecionar matemática, o senhor percebia essa dificuldade do aluno...?

PHC: Não, eu não percebia. Mas por quê? Porque naquela época nós éramos oito Fatecs, e essas oito Fatecs tinham trocentos mil candidatos. Então é claro que você selecionar num grupo de 40 alunos você pega um, então você tá pegando a nata da nata. Então os alunos que entravam na Fatec eram alunos diferenciados, eram alunos assim com uma boa formação, então nós não tínhamos problema. Quando é que esse problema começou a aparecer? Com o crescimento das Fatecs, que eu acho que foi muito bom ampliar, quanto mais Fatecs, quanto mais cursos melhores, mas o que é que veio a acontecer? Hoje se você pegar o nosso índice de demanda né, de preenchimento de vagas, você vai ver que tem Fatecs que não atingem um candidato por vaga, então o que acontece? Você tem um curso que você tem 40 vagas e você tem 42 candidatos, você vai pegar 40 candidatos exatamente como eles são. Você não tem seleção nenhuma, aliás eu particularmente sou a favor de que já não devia ter vestibular a muito tempo, quer dizer eu acho que o exame do Enem já dá conta disso, eu acho um absurdo a gente ainda continuar com essa teimosia de estar fazendo vestibular. Mas você vai pegar alunos né que são como eles são mesmo, e aí o que acontece, você começa a perceber com muito mais intensidade essa má formação. Então você começa a ver alunos que são, a meu ver, analfabetos né... funcionais, nós estamos cheios de analfabetos funcionais hoje sentados no banco da Fatec. Pra mim isso é só uma enrolação, porque ele na realidade está sendo enganado. Nós não vamos dar conta, nós não vamos conseguir transformar um analfabeto funcional no primeiro ano da faculdade, e ele reaprender todo o ensino fundamental, todo o ensino médio? Não vamos. Ninguém vai conseguir. Então esse aluno vai ficar ali seis meses, um ano, repete uma vez, repete duas, desanima e desiste.

RCP: É, então a gente pode pensar um pouquinho a respeito da grade curricular da Matemática dentro dos cursos da Faculdade de Tecnologia, o programa desenvolvido, que na prática a matemática deveria ser uma ferramenta... sim?

PHC: Veja, ela deveria ser. Ela é uma ferramenta. Só que o que aconteceu com essa ferramenta? Antigamente né, quando eu comecei a dar aula na Fatec, você tinha uma caixa de ferramenta que o aluno recebia, e essa caixa de ferramentas tinha 40 modelos de alicates, 50 modelos de chave de fendas... hoje a caixa de ferramentas que ele recebe tem uma chave

de fenda e se mudar o tamanho do parafuso ele já não pode mais usar aquela chave, tem um alicate que é capaz de quebrar se você apertar ele muito forte. Então eu acho que essa caixa de ferramentas ela foi ficando cada ano pior, e não é por culpa do professor não, é por culpa de que nós não temos conseguido trazer alunos com o mínimo de formação pra acompanhar um curso onde ele pudesse receber uma caixa de ferramentas adequada, né. Então hoje nós estamos quebrando esse galho nós estamos dando um jeito de colocar um pouquinho, um mínimo de ferramentas. E o que a gente vê? São os nossos colegas depois nas disciplinas de segundo e terceiro ano reclamando que “olha, como é que eu posso dar estatística para esse aluno se ele não sabe somar duas frações né”. E aí fica aquela coisa né? E quem é que tem que ensinar ele a somar duas frações? Isso é uma coisa que ele tinha que ter trazido do ensino fundamental. Foi feita uma revisão? Foi! É sempre feita uma revisão e tal, mas uma revisão só adianta? Não resolve o problema. Alguns alunos vão falar “poxa eu preciso dar conta disso, eu deixei isso para lá então eu vou aproveitar essas dicas que o professor está dando e vou atrás, vou estudar e tal porquê...”. Mas são poucos. A maioria, ele senta ali e fica olhando para você com uma cara de paisagem e quando termina a aula né ele esquece daquilo, e na semana seguinte ele tem as mesmas dúvidas de novo, ele tem os mesmos problemas, e fica imaginando que uma hora vai acontecer alguma coisa divina que vai fazer ele né... de repente bum... dá um clique e a partir de hoje essa matemática do ensino fundamental está toda na minha cabeça. E isso não vai acontecer.

RCP: E o senhor gostaria de pontuar alguma coisa ao longo da sua trajetória, da sua profissão como professor na passagem pela Fatec?

PHC: Olha, eu me considero uma pessoa realizada. Uma pessoa que... eu fiz muita coisa, eu fiz as coisas que eu queria fazer, eu tive oportunidades de fazer. Quer dizer, o fato de morar um ano por exemplo na Alemanha, isso foi maravilhoso, pouca gente, poucas pessoas tiveram essa oportunidade que eu tive, e algumas até tiveram e não quiseram enfrentar né, não quiseram aceitar a oportunidade né. Então eu tive a felicidade de sempre ter tido um pouco de coragem e ter enfrentado essas coisas. No Centro Paula Souza eu acho que eu sempre fui muito bem recebido desde a minha entrada aqui até os dias de hoje. Eu tenho muitos bons amigos, eu tenho pessoas que me respeitam, que gostam de mim, assim como eu gosto de um monte de pessoas. Então eu acho que para mim foi tudo de bom. Eu não tenho nada... eu tenho alguma mágoa é assim, eu acho que a gente podia ter alunos melhores, a gente... mas isso não é o Centro Paula Souza que vai resolver este problema, quer dizer isso é um problema dos nossos governantes, é um problema de se investir mais em educação, de você ter um ensino fundamental correto né. Porque o aluno para mim, ele começa a gostar de matemática aos 2 anos de idade né, um ano de idade ele já começa a gostar de matemática se ele for motivado para isso, se ele tiver desafios para isso, desafios de cores, desafios de raciocínio, de lógica. Agora a maioria desses alunos vive num ambiente em casa péssimo, depois chega na escola o ambiente é pior ainda né. E na escola tem uma única preocupação que é manter o carguinho, é o professor que está lá porque não conseguiu fazer outra coisa na vida, então ele se julga professor e na realidade não é. A grande... uma boa parte dos professores não são professores, são pessoas assim que estão... né... quebrando um galho como professor, mas se você perguntar pra ele você faz o que gosta, ele vai dizer que não e que se eu tivesse outra oportunidade ele estaria fazendo, mas como não tem é aquilo mesmo que ele tem que ficar. Então esses nossos alunos não têm como fazer milagre. Mas isso não reflete ali na hora, mas reflete 10 anos, 15 anos depois, e reflete justamente na hora que ele entra na nossa sala, ele imagina que ele tem condições de cursar uma faculdade, e aí ele

descobre que ele não tem. Entende? Então é uma decepção muito grande, mas é uma decepção 15 anos depois, quer dizer, quem que vai dar conta disso? Que dizer né... eu ainda acho que essa análise, essa coisa tinha que ser feita com esse pessoal que toma conta né, desse ensino fundamental. E aí isso me frustra um pouco porque eu realmente gostaria que esse ensino (ininteligível)... Eu até quando aceitei ser secretário de educação de Ourinhos, eu tinha na minha cabeça que eu podia dar uma contribuição. Ah, ledô engano. A preocupação é outra. Ninguém está preocupado com educação, e o que você faz por mais esforço que você queira resolver ou mudar alguma coisa, a máquina é muito pesada. A gente está vendo, a gente está vendo na televisão e tal que o que está em volta acaba corrompendo né, acaba estragando com tudo e o sistema fica muito complicado. Mas um dia eu acredito ainda que a gente vai ter né, como já tivemos, nós tivemos um ensino fundamental maravilhoso na década de 40, 50, pena que realmente era para uma elite, era para um grupo muito pequeno de pessoas. Mas aquele grupo muito pequeno é o grupo que teve realmente o ensino básico e fundamental e que gerou pessoas muito boas.

RCP: E o senhor acha aqui na Fatec aconteceu a mesma coisa? Nós tivemos um momento em que a elite é que frequentava a instituição e hoje...

PHC: E hoje se popularizou, quer dizer, se você tem um momento onde você tem oito Fatecs né, e esse momento vira 60 né, e a tendência agora é chegar em 80 Fatecs, então é claro que são situações muito diferentes. Pra mim é um processo muito parecido com o que aconteceu. Agora é bom que aconteça? Eu acho que sim. Eu acho que o estado né, quanto mais Fatecs tiver, quanto mais, são mais possibilidades. Agora também não adianta gerar esse monte de possibilidades e se você por outro lado, não trabalhar esses alunos para que quando eles cheguem, você consiga transformar esse aluno num profissional, num profissional útil para o mercado. Agora se você recebe o aluno e a preocupação é você ensinar esse aluno a somar e multiplicar, então não está valendo a pena. Qual é o profissional, qual é o tempo que nós temos de 3 anos, se nós vamos ter que começar com ele desde o ensino fundamental? Isso vale, eu estou falando de operações básicas da matemática, mas isso vale para leitura, a leitura é péssima, o entendimento dos textos é péssimo, você não consegue ler 3 linhas sem que quando você chega na terceira linha você não sabe mais o que leu na primeira, e você não liga frases, não liga coisa com coisa, então tudo isso vem de onde? Ensino fundamental. Então para mim eu acho que as fatecs para terem sucesso, e mais sucesso, elas precisam, de alguma forma, esse ensino fundamental precisaria ser melhor. A Fatec não vai fazer milagre.

RCP: Exatamente. Bom professor, eu quero agradecer a entrevista, pra mim foi extremamente rica. E agora eu vou fazer então a transcrição, a textualização, e trago para que a gente possa validar.

PHC: Tá bom.

RCP: Ta bem?

PHC: Tá feito.

RCP: Obrigada.

PHC: Espero que o seu trabalho seja um sucesso.

RCP: Ai, eu também! (risos)

PHC: (risos)

Descritores

Faculdade de Tecnologia de Ourinhos

Faculdade de Tecnologia de São Paulo

Faculdade de Tecnologia de Carapicuíba

Engenharia na FEI

Matemática

Faculdade Oswaldo Cruz

Centro de Memória

Unesp Bauru

História oral na educação

Memórias do trabalho docente

Educação Matemática

Rosemeiry de Castro Prado

Paulo Henriques Chixaro

Walter Paulette

Santo Scuderi

Ayrton Barboni

Grupo de História Oral e Educação Matemática

GHOEM

Secretaria de Ciência e Tecnologia

Memórias da educação tecnológica

Für Hochschule da Alemanha.

Informática

Processamento de Dados

Engenharia operacional

Tecnólogos

Entrada de Dados

Pontes e Estradas

Soldagem

Cultura da pesquisa

Secretaria da Educação

Ensino Fundamental

Ensino Médio

Evasão escolar

Vestibular

ENEM

Dados Biográficos do Entrevistado



Paulo Henriques Chixaro, em 2016

Paulo Henriques Chixaro Possui graduação em Licenciatura em Matemática (1969 – 1972) pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Oswaldo Cruz (SP) e Mestrado em Engenharia Naval e Oceânica (1999–2003) pela Universidade de São Paulo. Trabalhou como professor da Equipe Vestibular no período de 1974 a 1978 e no Ginásio Experimental Dr. Edmundo de Carvalho (1973-1975). Atuou como gerente do Centro de Processamento de Dados da Paulo Abib Engenharia, em São Paulo, de 1978 a 1988. De 1991 a 2006, assumiu a direção e administração da Fatec Ourinhos, e, em 2006, assumiu a direção e administração da Faculdade de Tecnologia de Carapicuíba (SP). Em 2006 recebeu o título de Cidadão Ourinhense da Câmara Municipal de Ourinhos, interior de São Paulo. De 2010 a 2012 ocupou o cargo de Secretário de Educação do Município de Ourinhos.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Rosemeiry de Castro Prado, em 2018

Rosemeiry de Castro Prado Licenciada em Matemática pela Unesp Bauru (1989) e em Pedagogia pela Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de Jacarezinho (1992). Mestre em Educação Matemática pela PUC-SP (2003). Doutora em Educação para a Ciência - Unesp/Bauru (2018). Pesquisadora do Grupo História Oral e Educação Matemática (GHOEM). Professora de Matemática do Ensino Médio da Organização Aparecido Pimental de Educação e Cultura, desde 1995 (Sistema Anglo de Ensino) e de Cálculo Diferencial e Integral da Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo (Fatec Ourinhos), desde 2008. Docente do Banco de Avaliadores do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes - BASis). Coordenadora do Curso Ciência de Dados da Fatec Ourinhos/SP. CV: <http://lattes.cnpq.br/9037046574064977>

Anexos: (Documentos sigilosos e não aberto online ao público):

Carta de Cessão de Paulo Henrique Chicaro

Termo de Autorização para uso de Imagem de Rosemeiry de Castro Prado

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Rosemeiry de Castro Prado